

INFLUÊNCIAS NORTE-AMERICANAS NA PSICOLOGIA ESCOLAR DO BRASIL: O TRABALHO DE ISAÍAS ALVES

Ana Cristina Santos Matos Rocha

Mestranda em História pelo Centro de Pesquisa e Documentação Histórica do Brasil (FGV)

E-mail: anasmrocha@yahoo.com.br

Palavras-chave: Isaías Alves. História da Educação. Psicologia Escolar. Intelectuais da Educação.

Esta pesquisa busca reconstruir a trajetória do baiano Isaías Alves¹ e sua participação no movimento de defesa do uso de testes de inteligência nas escolas brasileiras, que ocorreu principalmente entre os anos de 1920 e 1930. Neste período de configuração de uma política pública para educação e de expansão da rede escolar, alguns intelectuais apontaram como caminho para um melhor planejamento das classes a seleção e organização dos alunos a partir do quociente de inteligência (QI), obtido através de testes psicológicos.

Inteligência na sua exata medida: testes de QI e expansão escolar nos Estados Unidos

Os primeiros testes de inteligência surgiram a partir das pesquisas de Alfred Binet, que foi diretor do Laboratório de Psicologia experimental da Sorbonne. Solicitado pelo Ministério da Educação do governo francês em 1904, Binet desenvolveu uma técnica para identificar crianças que necessitassem de educação especial (GOULD, 1999, p. 146-158). O psicólogo baseou sua pesquisa em perguntas e tarefas cotidianas que pudessem avaliar o desenvolvimento mental dos alunos. O objetivo de Binet era ajudar as crianças com dificuldades de aprendizagem a acompanhar as aulas nas escolas francesas.

Nos Estados Unidos, Lewis Terman publicou *A medida da inteligência* em 1916. Este livro divulgava uma adaptação dos testes de Binet para as escolas americanas desenvolvida na Universidade de Stanford, Califórnia. Esta adaptação, que ficou conhecida como Stanford-Binet, foi muito utilizada nas escolas americanas posteriormente. Apesar de não ter sido o

¹ Isaías Alves nasceu em Santo Antonio de Jesus, Bahia, em 1888. Formou-se em direito e foi professor do Ginásio da Bahia, diretor e proprietário do Ginásio do Ipiranga e professor de psicologia educacional no Instituto Normal. Também foi membro do Conselho Nacional de Educação, secretário de educação na Bahia entre 1938 e 1942 e fundador da Faculdade de Filosofia da Bahia, que hoje integra a Universidade Federal da Bahia.

primeiro psicólogo americano a usar os testes de Binet nos EUA, ele foi o primeiro a utilizá-los em crianças consideradas normais (FASS, 1980, p. 434).

A primeira vez que os testes foram utilizados amplamente foi na seleção de recrutas americanos durante a 1ª Guerra Mundial. Era o chamado Army Mental Test, que havia sido adaptado por Yerkes para testar tanto recrutas alfabetizados (teste alfa) quanto os analfabetos (teste beta). 1,7 milhões de homens foram testados através do Army Mental Test. O resultado do trabalho concluiu que quase metade deles não passou da idade mental de 13 anos (FASS, 1980, p. 438). A repercussão do livro *The revolt against civilization* (STODDARD, 1922), que divulgava esse resultado, foi significativa. Em outubro de 1922, Walter Lippmann publicou o primeiro de seis artigos sobre os testes de inteligência utilizados no exército na revista *New Republic*. Nesse artigo, Lippmann explica como surgiram os testes de inteligência e desconstrói o argumento do livro ao concluir que o resultado mostrava que o erro estava na adaptação dos testes (originalmente franceses e para crianças) para a linguagem adulta e americana.

Em dezembro de 1922, foi a vez de John Dewey, em artigo publicado na mesma revista, condenar o modo como os testes de inteligência estavam sendo utilizados nos EUA. A argumentação partiu da declaração de George B. Cutten, presidente da Colgate University, durante seu discurso inaugural. Cutten disse que, se apenas 15% da população americana tinha “inteligência suficiente para entrar em uma universidade” (RATNE, 1929, p. 480), os Estados Unidos nunca tiveram uma democracia real uma vez que “o baixo nível de inteligência de seu povo não permitiria ter uma” (RATNE, 1929, p. 480).

Dewey argumentou que um raciocínio como esse levava a idéia de uma aristocracia intelectual e assemelhou a idéia de hierarquização pelo Army Mental Test ao sistema de castas indiano. Ressaltou ainda que não pretendia criticar os testes mentais enquanto procedimento científico, mas sugerir que seus objetivos deveriam redirecionar o foco para a análise do indivíduo (RATNE, 1929, p. 482-483). Para ele, como os testes ainda não haviam sido suficientemente utilizados, seus resultados apontavam riscos e probabilidades, mas não eram definitivos.

Para Patrícia Fass (1980, p. 435), ainda que Dewey tenha sido crítico em relação aos testes, suas idéias sobre educação forneceram parte do contexto para o desenvolvimento dos testes de inteligência. A valorização do indivíduo e de suas experiências, aliada à idéia de democratização da educação através de um sistema educacional de massas gerou uma questão: como ampliar o alcance da educação e, ao mesmo tempo, atender às necessidades individuais de cada criança?

Os testes de inteligência pareciam, então, uma estratégia para conciliar a expansão do sistema educacional com a idéia de uma “educação sob medida”. Esses testes, vestidos com a imparcialidade da ciência, refletiram as concepções correntes sobre a superioridade dos brancos americanos sobre negros e imigrantes. Por outro lado, não podemos esquecer que o controle da educação ainda era uma importante ferramenta para “que a ordem hierárquica tradicional, as diferenças, a confirmação de autoridades não fossem ameaçadas” (BOMENY, 2001, p. 73).

A análise de Warde (2002) sobre o embate travado entre Edward Thorndike e John Dewey, ambos professores de Columbia e influenciados pela filosofia de William James, parece útil para percebermos alguns desdobramentos dessas disputas em torno do significado da educação para a nação norte-americana. Thorndike filiou-se ao empirismo radical acreditando que só através da experimentação era possível conhecer a natureza humana. Ele concentrou-se nos estudos sobre a aprendizagem infantil e foi um dos principais estudiosos da psicologia educacional de sua época.

Em contrapartida, as concepções de Dewey sobre a relação intrínseca entre indivíduo e sociedade o transformaram num dos maiores críticos dos usos da psicologia nos Estados Unidos. Essas acusações pesavam fortemente sobre Thorndike, uma vez que era ele o diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais do Teacher’s College e o responsável pela divisão de psicologia educacional da universidade. Enquanto Dewey ganhava cada vez mais espaço no pensamento educacional através do movimento progressista, Thorndike afastou-se das aulas em Columbia no fim dos anos de 1930 e dedicou-se exclusivamente às suas pesquisas.

Conhecendo a democracia americana: dois brasileiros no Teacher’s College de Columbia

Foi em meio ao clima de intenso debate sobre o papel da educação americana que Anísio Teixeira, em 1928, ganhou uma bolsa do Macy Student Fund, do International Institute, para estudar na Universidade de Columbia, Nova Iorque, onde ficou durante 10 meses. Teixeira já havia visitado os Estados Unidos no ano anterior, comissionado pelo governo da Bahia, para estudar o sistema de educação americano.

Segundo Clarice Nunes, Anísio Teixeira foi influenciado tanto pela “orientação filosófica e social” de Dewey, quanto pela “concepção quantitativista” de Thorndike (NUNES, 2000, p. 117). Este último parece ter sido importante para aperfeiçoar sua visão sobre administração escolar, que precisava das pesquisas e da fiscalização para controlar os

resultados do ensino. Partindo dessa visão, compreende-se a primeira aproximação entre Anísio Teixeira e o método dos testes, utilizados por ele como ferramenta organizacional posteriormente durante sua gestão na Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal.

Já na filosofia de Dewey, Anísio Teixeira encontrou a chave para o progresso brasileiro. Em *Aspectos americanos de educação* (TEIXEIRA, 2006), relatório de viagem elaborado para o governo baiano, ficou registrado o impacto causado pelo contato com essas ideias. Teixeira abriu seu relatório declarando a centralidade do pensamento de Dewey na “sistematização da teoria moderna de educação”. Era com base na filosofia progressista de Dewey que Anísio Teixeira pretendia mudar os parâmetros do sistema educacional brasileiro, ainda em construção.

A convergência apontada por Patrícia Fass entre educação de massas e valorização do indivíduo no contexto americano, que propicia o debate sobre uso dos testes padronizados, também é explorada por Nunes ao falar sobre o interesse de Anísio Teixeira nesses testes. Segundo a autora,

Anísio via na aplicação dos famosos testes (de capacidade mental, de aquisição educativa, de situação econômica e social, de saúde e capacidade física) um instrumento capaz de individualizar o processo educativo, levando pessoas com diferentes níveis de capacidade a se empenhar no processo de aprendizagem. Eram também indispensáveis para organizar o trabalho do professor, inspecionar a execução do programa e evitar julgamentos extravagantes dos alunos (NUNES, 2000, p. 119).

Dessa forma, mais que um instrumento administrativo, os testes (de inteligência e de aproveitamento) eram uma ferramenta para aproximar a expansão do sistema educacional com a idéia de atender as necessidades individuais de cada criança. Daí entendemos a tentativa de incorporar as medições ao sistema público de educação carioca e o trabalho desenvolvido com Isaías Alves.

Alves também foi à Universidade de Columbia com bolsa de estudos, esta do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, e entre junho de 1930 e maio de 1931 especializou-se em Psicologia Educacional no Teacher’s College. Em 1933, seu relatório de viagem, *Da Educação nos Estados Unidos* (ALVES, 1933a), foi publicado pela Imprensa Nacional, e é encarado aqui como ponto de partida da nossa análise.

Em Columbia, Isaías foi aluno de alguns dos principais nomes da psicologia educacional norte-americana como Edward Thorndike, que ministrou o curso sobre “Psicologia das matérias do ensino primário”. Neste curso, Thorndike concentrou-se na

metodologia de ensino, nos problemas que envolviam a aprendizagem da leitura e da matemática. Seus livros sobre ensino da matemática são considerados por Alves “da maior importância para a educação nacional” (ALVES, 1933a, p. 26), e recomenda o estudo de seus livros sobre o assunto.

Na sua formação em Columbia, nota-se que este psicólogo teve influência preponderante, reconhecida pelo próprio Alves quando comenta seus cursos. Alves afirma que “naturalmente todos esses cursos são baseados nos estudos de Edward Thorndike, publicados em numerosos jornais e livros, e concentrados na grande obra em 3 volumes – Educational Psychology – também reduzida a um curso abreviado de 442 páginas” (ALVES, 1932b, p.52). Esse trecho revela também a importância de Edward Thorndike nos estudos da psicologia educacional na Universidade de Columbia.

Segundo Warde (2002, p. 11), dentre os brasileiros que foram a Columbia, apenas Alves acompanhou os cursos de psicologia educacional. Ele trabalhou com Thorndike e Gates na aplicação e padronização de testes de inteligência, o que já sinalizava o posicionamento a ser tomado por Isaías Alves diante do debate sobre a adoção dos testes de QI no sistema escolar brasileiro. Além dele, Noemy da Silveira também assistiu a um curso de Psicologia ministrado por Arthur Gates em 1930 e, ao retornar ao Brasil, dirigiu o Serviço de Psicologia Aplicada de São Paulo, que era parte do Serviço de Assistência Técnica da Diretoria Geral de Ensino do Estado.

A partir de seu relatório, que enfatiza o papel dos testes de inteligência na orientação do ensino, percebemos como a experiência de Isaías Alves em Columbia reforçou sua visão positiva sobre o assunto. Dessa forma, enquanto Teixeira voltou disposto a estabelecer um sistema de educação que tivesse como foco principal as próprias crianças, Alves focava na utilidade dos testes de inteligência para organizar esse sistema educacional.

Um dos reflexos da experiência: os trabalhos na Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal

Em 1931, Anísio Teixeira assumiu a Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal (DGIP-DF). Neste mesmo ano, Teixeira convidou Alves para chefiar a Seção de Testes e Medidas da Diretoria. Esta seção era responsável por aplicar, ainda de forma experimental, os testes de inteligência nas crianças das escolas públicas da capital. Isaías Alves já havia escrito dois livros sobre o assunto: *Teste individual de Inteligência* e *Os testes e a reorganização escolar*. Nestes livros, ele tecia considerações sobre os testes franceses de

Binet e suas adaptações americanas. Alves também traduziu e adaptou alguns desses testes para seu uso no Brasil. Durante seu trabalho na Seção de Testes e Medidas, ele ampliou sua obra ao divulgar e analisar os resultados obtidos com as crianças testadas no Rio de Janeiro em publicações da Diretoria Geral de Instrução Pública.

Isaías Alves não foi o único educador a defender o uso de testes de inteligência como ferramenta de seleção escolar. Segundo Monarcha (2001), “o ‘movimento dos testes’ ganhou força no Brasil nos anos de 1920 e 1930 com o impulso da psicologia aplicada à educação. É dessa época que data a maior parte das publicações sobre o uso de testes de inteligência nas escolas” (MONARCHA, 2001, p. 14-15). Em 1933, Lourenço Filho publicou *Testes ABC*, livro em que pretendia verificar a maturidade do aluno a ser alfabetizado. A partir dessa avaliação os alunos receberiam as lições de acordo com a capacidade de aprendizagem apontada pelo teste.

Os trabalhos de Isaías Alves no Serviço de Testes e Medidas se encerraram em 1934. Teixeira justificou o fim das atividades com o argumento de que o trabalho com os testes exigia um processo longo e complicado, e era cercado de questões controversas, como o dos reais benefícios que a homogenização traria ao ensino. O fim do trabalho conjunto entre Anísio Teixeira e Isaías Alves também parece ter sido fruto de outras divergências, em que as “lutas pelo controle do aparelho escolar” (CARVALHO, 2005, p. 332) ganham maior significado.

Três educadores e suas diferentes concepções sobre psicologia escolar: Isaías Alves, Anísio Teixeira e Lourenço Filho

Ao analisar a questão dos testes, Clarice Nunes (2000) escolhe contrapor dois expoentes da Escola Nova, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, para ressaltar a peculiaridade da participação de Teixeira com o “movimento dos testes”. Segundo a autora, uma das diferenças básicas entre esses dois educadores era que Lourenço Filho trabalhava com uma concepção de “infância constituída” em que os atributos dos alunos já estavam formados, enquanto que Anísio Teixeira trabalhava com uma “concepção constituinte da infância” (NUNES, 2000, p. 260-262). Assim, enquanto a educação em Lourenço Filho deveria trabalhar com as potencialidades da criança, Teixeira esperava que essas potencialidades fossem despertadas justamente por ela.

No caso de Isaías Alves e Anísio Teixeira, suas divergências a respeito dos testes parecem ser reflexo de uma discordância mais ampla, que envolve o significado e a finalidade

da educação escolar. Por isso, ainda que seja comum encontrar paralelos em seus discursos sobre a educação, a ênfase de cada autor é bastante diferente. Assim, quando Teixeira (2006, p. 34) afirma que “educar é assim uma função social que controla, guia e dirige a atividade infantil” parece se aproximar de Isaías Alves (1933b, p. 22) que defende que “crianças normais desejam direção e controle”. Entretanto, Teixeira sempre deixa claro, a partir de sua defesa dos ideais de Dewey, que o que está em jogo é um processo de direcionamento, de aprendizagem através da experiência com o objetivo de transformar a criança num adulto autônomo, capaz de tomar decisões e viver plenamente em uma sociedade democrática.

Se a prioridade de Teixeira era autonomia, Isaías Alves preferia a obediência. Alves defendia uma educação que formasse indivíduos de forma adequada aos novos padrões da sociedade brasileira. Para ele, a educação deveria ter um caráter disciplinador e moralizante que servisse à nação. Segundo Isaías Alves (1939, p. 07), “toda educação que não conduza à disciplina patriótica, e não siga os rumos espirituais, é desorganizadora.” Rejeitava, assim, o direcionamento no sentido deweyano e defendia um controle mais rígido da criança, onde o significado de cidadania estava mais próximo do cumprimento de seus deveres do que do exercício de seus direitos.

No debate sobre homogeneização, a questão da experiência também foi importante para definir como ela seria encarada. Para os críticos dos testes, como Dewey e Kilpatrick, a divisão em classes homogêneas contrariava uma premissa básica de sua concepção que era aproximar os exercícios escolares da vida real. As classes homogêneas eram consideradas artificiais porque contrariavam uma característica comum da sociedade que era a desigualdade entre os indivíduos. Era papel da escola, ao reunir todos em um mesmo ambiente, facilitar a convivência na diferença. Em contrapartida, seus defensores acreditavam que era justamente essa convivência que desajustava o ambiente escolar, humilhando os menos inteligentes e transformando os mais inteligentes em crianças preguiçosas e vaidosas.

No começo dos anos 30, Isaías Alves, Lourenço Filho e Anísio Teixeira tinham em comum a preocupação com o sistema brasileiro de educação. O entrecruzamento aqui sugerido é a participação em um debate mais específico, que é o da homogeneização das classes escolares a partir dos testes psicológicos: Lourenço Filho e Isaías Alves defendendo o uso dos testes e realizando experiências com alunos das escolas públicas (o primeiro em São Paulo e o segundo no Rio de Janeiro e em Salvador); Lourenço Filho e Anísio Teixeira, amigos, administrando a Diretoria Geral de Instrução (o primeiro em São Paulo e o segundo no Rio de Janeiro), incentivando o trabalho experimental e, finalmente, Isaías Alves e Anísio Teixeira trabalhando em conjunto na DGIP-DF.

Durante a gestão de Anísio Teixeira na DGIP-DF, esses três educadores trabalharam nessa mesma instituição: Lourenço Filho dirigindo o Instituto de Educação e Isaías Alves no Serviço de Testes e Medidas. Como já vimos, Isaías Alves utilizava os Testes ABC de Lourenço Filho além de suas adaptações de outros instrumentos de aferição psicológica. No entanto, eles discordavam dos métodos de homogenização, uma vez que Lourenço Filho (1967) alegava que os testes de inteligência correntes eram inadequados para selecionar e organizar as crianças que ingressavam no sistema escolar. Para ele, apenas seus Testes ABC poderiam fornecer um diagnóstico preciso enquanto Isaías Alves (1932a) defendia a utilidade dos testes de Pintner Cunningham, que ele havia aplicado nas escolas cariocas. Anísio Teixeira, por sua vez, discordava da diferenciação dos programas ainda no curso primário, ideia defendida por Lourenço Filho e Isaías Alves. Entretanto preocupação com um método de organização eficiente do sistema escolar ainda era um ponto que os colocava no mesmo debate.

O elo que uniu Teixeira, Alves e Lourenço Filho não foi suficiente, entretanto, para apagar as divergências e evitar as disputas por poder no interior do campo educacional. Em 1933, Alves reivindicou para si a cadeira de Psicologia e o cargo de professor-chefe das matérias de ensino do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Ele ameaçou “reunir seus amigos para expor as condições do Instituto, e tornar público os defeitos de organização e incapacidade de certos professores”.² Como já foi visto, o Instituto era dirigido por Lourenço Filho, que também ocupava a cadeira de Psicologia Educacional. Alves declarou ainda que “o Instituto não é propriedade do Dr. Anísio Teixeira, mas é do povo, e, portanto, também dele e de seus amigos”.³ Em 1934, Alves deixou de trabalhar ao lado de Anísio Teixeira e em seu lugar assumiu J. P. Fontenelle, um médico que havia participado da defesa do saneamento e da saúde pública nos anos de 1920 (DAVILA, 2006, p. 227).

O afastamento de Isaías Alves dos trabalhos para a Diretoria Geral de Instrução Pública do Rio de Janeiro foi explorado posteriormente nos jornais. Moraes (2005) analisou as disputas que envolviam o fechamento da Biblioteca Infantil em 1937, localizada em Botafogo e dirigida por Cecília Meirelles. O autor usa como fonte principal um artigo publicado no Jornal *O Povo* em 1937, intitulado “Escola Nova e Bolchevismo” em que Isaías Alves foi mencionado como o primeiro a denunciar como “bolchevizante” a Biblioteca Infantil. Este seria, ainda segundo o jornal, o motivo de sua demissão do Instituto de Educação ainda durante a gestão de Anísio Teixeira na Diretoria Geral de Instrução. Vale

² ARQUIVO ANÍSIO TEIXEIRA, 11 mar. 1933.

³ Id.

lembrar, que Anísio Teixeira foi forçado a renunciar ao cargo de diretor de Instrução Pública em 1935, sob a acusação de ser comunista e afastou-se da vida pública até 1946, quando foi nomeado secretário de educação e saúde da Bahia.

Ao contrário de Anísio Teixeira, Isaías Alves encontrou no regime estadonovista grande afinidade com suas idéias sobre educação e disciplina. Também continuou participando das discussões educacionais como membro do Conselho Nacional de Educação e, em 1938, foi nomeado secretário de educação e saúde na Bahia, fruto da nomeação de seu irmão, Landolfo Alves para o cargo de interventor. Apesar das divergências entre ele e Anísio Teixeira, sua atuação no Rio de Janeiro, junto com o mestrado em Columbia e o trabalho sobre testes de inteligência lhe credenciaram uma reputação que justificava sua indicação para secretário, se necessário fosse. Em 1942, parece ter conseguido acumular capital simbólico suficiente para reunir professores, conseguir doações da Liga de Educação Cívica e da Associação Comercial da Bahia e fundar a Faculdade de Filosofia da Bahia.

Considerações finais

Explorar a relação entre Isaías Alves, Lorenço Filho e Anísio Teixeira parece ser interessante para ressaltar a diversidade de posições e opiniões dentro do campo educacional. Ao mesmo tempo, nos faz refletir sobre uma oposição comumente defendida pela historiografia educacional brasileira que classifica os educadores em duas categorias: tradicionalistas e renovadores.

Segundo Ângela Gomes (2002, p. 410), essa oposição foi uma estratégia de luta dos membros da Escola Nova para legitimar suas concepções educacionais. Marta Carvalho (2005, p. 332) explica que essa noção se consolidou a partir da obra *A cultura brasileira*, de Fernando de Azevedo (1943), que construiu uma polarização entre o novo e o velho de forma a apagar os conflitos existentes. Ainda segundo Carvalho,

renovadores e tradicionalistas moviam-se num mesmo campo de debates. Propunham a questão educacional preponderantemente da ótica da “formação da nacionalidade”. Por isso, nas propostas, as semelhanças eram mais relevantes que as diferenças (CARVALHO, 1998, p. 24).

O trabalho conjunto e as disputas posteriores revelam que o binômio tradicionalistas/renovadores, ao mesmo tempo em que ressalta a diversidade de opiniões no campo da educação, simplifica a discussão, uma vez que divide os educadores em duas únicas

categorias estanques. Segundo Clarice Nunes (2001), o próprio Lourenço Filho foi alvo de críticas posteriores de Anísio Teixeira, que passou a manifestar reservas em relação aos testes de inteligência que havia defendido. Essa breve análise confirma a necessidade já apontada por Bourdieu de mapear as disputas no interior do campo intelectual para compreender a posição desses educadores. Confrontar as experiências de Isaías Alves e Anísio Teixeira situando-os no debate educacional brasileiro parece, portanto, necessário para compreender as transformações no sistema de educação deste período.

Referências

ALVES, Isaías. *Teste Individual de inteligência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Typ. d'A Encadernadora, 1932a.

_____. Psicologia Educacional. *Boletim de Educação Pública*. Rio de Janeiro, ano 2, jan/jun. 1932b.

_____. *Da educação nos Estados Unidos: relatório de uma viagem de estudo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933a.

_____. *Technicos e educadores*. Rio de Janeiro: Indústria do Livro, 1933b.

_____. *Os testes e a reorganização escolar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1934.

_____. *Educação e Saúde na Bahia na Interventoria de Landulpho Alves (abril 1938-junho 1939)*. Salvador: Bahia Gráfica, 1939.

AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 1943.

BOMENY, Helena. O Brasil como problema: a mancha da nação. In: BOMENY, Helena. *Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

CARVALHO, Marta. *Molde Nacional e Forma Cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

_____. Configuração da historiografia educacional brasileira. In: FREITAS, Marcos (Org.). *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005.

DAVILA, Jerry. *Diploma de brancura*. São Paulo: UNESP, 2006.

FASS, Paula S. The IQ: a cultural and historical framework. *American Journal of Education*, v. 88, n. 4, ago. 1980. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1085358>>. Acesso em: 24 set. 2009.

GOMES, Ângela de Castro. A escola republicana: entre luzes e sombras. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/CPDOC, 2002.

GOULD, Stephen Jay. *The mismeasure of man*. New Yor: Norton, 1993.

LOURENÇO FILHO, M. *Testes ABC para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

MONARCHA, Carlos. *Lourenço Filho e a organização da psicologia aplicada à educação: São Paulo, 1922-1933*. Brasília, DF: INEP/MEC, 2001.

MORAES, José D. de. *Escola nova e Bolchevismo: episódios exemplares de um embate*. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada5/TRABALHOS/GT8_P_ESCOLARES/28/828.PDF>. Acesso em: 07 jan. 2010.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

_____. Anísio Teixeira: a poesia da ação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 16, 2001.

RATNER, Joseph (Ed.). *Characters and events: popular essays in social and political philosophy by John Dewey*. v. 2. New York: Henry Holt and Company, 1929.

TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos americanos de educação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

TERMAN, Lewis. *The measurement of intelligence*. Boston: Houghton Mifflin, 1916.

WARDE, Mirian Jorge. *Estudantes Brasileiros no Teacher's College da Universidade de Columbia: do aprendizado da comparação*. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema1/0114.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2010.